

# **Erotismo e Violência no Conto *Siesta*, de Josefina Plá**

*Erotismo y Violencia en El Cuento Siesta,  
de Josefina Plá*

Andre Rezende Benatti\*

**Resumo:** este artigo tem como objetivo uma análise do conto *Siesta*, da artista hispano-paraguaia Josefina Plá, dando maior enfoque aos acontecimentos que giram em torno da personagem Maria e de seu pai Ciriaco, sofrendo e praticando violências e erotismos. Abordaremos também alguns aspectos da modernidade, que levam ao erotismo e ao desencadeamento do horror, da violência dentro do conto. Nesse segmento, foram utilizadas teorias acerca da presença da violência e do erotismo na literatura, assim como o meio erótico que perpassa pela mesma, ressaltando alguns aspectos da modernidade dentro da literatura que perpassam pela construção das personagens. O estudo ancora-se nas contribuições de Georges Bataille, Ronaldo Lima Lins entre outros autores. Assim, o trabalho pretende aclarar de forma expositiva o universo de violências e desejos dentro do conto de Josefina Plá.

**Palavras-chave:** Literatura; Violência; Erotismo; Siesta.

**Abstract:** *este trabajo tiene como objetivo el análisis del cuento Siesta, de la artista hispano paraguaya Josefina Pla, dando mayor atención a los*

---

\* Mestre em Letras – estudos literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, *campus* de Três Lagoas – CPTL. Professor convocado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: andre\_benatti29@hotmail.com

*acontecimientos que giran en torno del personaje María y su padre Ciriaco, sufriendo y practicando la violencia y el erotismo. También vamos a examinar algunos aspectos de la modernidad, dando lugar a la aparición de erotismo y violencia de terror en el cuento. En este segmento, se utilizaron las teorías acerca de la presencia de la violencia y el erotismo en la literatura, así como que atraviesa el centro de lo erótico y haciendo hincapié en algunos aspectos de la modernidad en la literatura que subyacen a la construcción de los personajes. El estudio se basa en las contribuciones de Georges Bataille, Ronaldo Lima Lins, entre otros autores. Así, el trabajo tiene por objeto clarificar la exposición en un mundo de violencia y deseos en el cuento de Josefina Plá.*

**Keywords:** *Literatura. Violencia; Erotismo; Siesta*

## Considerações Iniciais

O mundo no qual vivemos é regido pela violência e pela sedução, todos os dias, todas as horas há abusos, há amávios, nos mais diversos meios, das mais diversas formas. A linguagem humana, como um todo, é produzida para seduzir tudo o que está a sua volta. É ela que ditará também as mais diversas violências. Assim este trabalho pretende expor como a sedução implícita se choca com a violência explícita sofrida pela personagem Maria no conto *Siesta* da artista hispano-paraguaia Josefina Plá.

Ao pensarmos a temática, violência e erotismo, escolhida pela autora para seu conto é impossível não nos remetermos a conceitos da poética da modernidade. Conceitos estes que implicam, segundo Menegazzo (2004), em um choque de novidade em relação ao que já está posto como tradição, no entanto tal choque não se faz com uma ruptura total do que é tradicional, pois se assim o fizer o novo passa a ser a tradição e não há, então, mais o choque, contudo não podemos de deixar de salientar que se trata de literatura hispano-americana e que sendo assim não encara nem encarou o moderno e a modernidade da mesma maneira que a literatura brasileira. Mas o que seria o moderno e a modernidade para tal literatura? E como fazer com que o novo não caia no tradicional?

Ao se pensar na representação do erotismo na literatura, assim como o da violência, ambos como aspectos do choque do novo pensado por Menegazzo (2004), percebe-se que está se fotografando uma sociedade que cria e apresenta uma excitação erótica e violenta ou que está em contato com estimulações que as incitam. Assim a literatura se faz como uma apresentação dessas estimulações da sociedade, uma tentativa de compreender o que se passa dentro de uma sociedade cada vez mais múltipla e heretogênea, sociedade essa que segundo Candido (2000, p.6), é externa e que a literatura a internaliza tornando-a autônoma dentro da obra. Mas se acordo com Edgar Allan Poe, e *Filosofia da Composição* (1997), antes de uma apresentação ou representação social, o intuito da literatura é o efeito de beleza conseguido através do bom uso da língua. O prazer, para Poe (1997) é a contemplação do belo. O belo que é sedutor. O sedutor que é erótico. A literatura, por ser uma

produção humana, reflete aspectos oriundos de seus próprios agentes, portanto a afirmação feita no prefácio de *O Erotismo* (2004), de Georges Bataille, de que o ser humano é ambíguo e que ele não admite seu próprio dualismo seria aplicável também à literatura. Uma escrita bela que, para além do conteúdo, digamos social, precisa mostrar-se bela sensorialmente. E também mostrar-se crítica, criticamente bela.

## A carência de Maria

A luz é uma onda eletromagnética, cujo comprimento de onda se inclui num determinado intervalo dentro do qual o olho humano é a ela sensível. É uma luz que não permite que Ciriaco adormeça no conto *Siesta*. É uma luz que provocará a morte de Maria, uma “[...] luz oceánica, invisible pero asediadora; [...]” (PLÁ, 1996, p. 187) que produz uma imagem que desestabilizará Ciriaco.

A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer. Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Procede de uma *ontologia direta*. É com essa ontologia que desejamos trabalhar. (BACHELARD, 2008, p.2).

No início de sua narrativa, Josefina Plá utiliza a imagem como despertadora da ação que dará vazão a todos os acontecimentos do conto, uma imagem criada pela autora para ser provocante e sedutora aos olhos de qualquer leitor ou mesmo das próprias personagens do conto.

El sol cae como estaño derretido, salpicando destellos en los guijarros azulados. Las hojas de las palmeras y cocoteros en los patios están quietas como de metal, y tienen el mismo bruñido resplandor. Dentro de la pieza bien cerrada, la penumbra vibra silenciosa ante el asedio diluvial de la luz. El sol proscrito se filtra aquí y allá por sutiles rendija de puertas y ventanas, transflorando delgados esquemas amarillos. Es siesta, una siesta de enero; y Ciriaco no puede dormir.

Le molestan el calor y la luz oceánica, invisible pero asediadora; le enerva, en la pared frondea de la cama, el móvil cono de sombra que traza y destraza el ir y venir de la chiquilina atrafagada limpiando el corredor. María debería estar descansando; pero

Doña Ceferina ha salido, no volverá hasta las tres; y la vieja no permite que en su ausencia la chiquilina esté ociosa. María pasa y vuelve a pasar por delante de la puerta, y el leve roce del repasador sobre las baldosas sería adormecedor, sin los chasquidos del balde en que moja el trapo de tanto en tanto. Ese chasquido breve, leve como de ramita quebrada, es lo que le impide conciliar el sueño y le irrita.[...]<sup>1</sup> (PLÁ, 1996, p. 187)

Nos excertos acima, que iniciam o conto *Siesta*, percebemos que a narrativa é constituída de tal modo que posteriormente retrate a violência, o erotismo e a tragicidade, enfim, compondo toda uma ambientação que selará o destino de Maria.

[...] a atmosfera, designação ligada à ideia de espaço, sendo invariavelmente de caráter abstrato - de angústia, de alegria, de exaltação, de violência etc. -. Consiste em algo que envolve ou penetra de maneira sutil as personagens, mas não decorre necessariamente do espaço, embora surja com frequência como emanção deste elemento, havendo mesmo casos em que o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que provoca. (LINS, 1976, p.76).

Maria é uma menininha, “*chiquilina*”, que, abandonada pela mãe, vive em casa com sua avó paterna e seu pai. A avó a obriga a trabalhar nos serviços domésticos: “[...] *la vieja no permite que en su ausencia la chiquilina esté ociosa.*[...]”<sup>2</sup> (PLÁ, 1996, p. 187). E seu pai não a reconhece como filha e nem fala com Maria: “*Si él la llama pocas veces por su nombre, tampoco ella le llama papá. No le há permitido él tomar la costumbre.*”<sup>3</sup> (PLÁ, 1996, p. 188).

A maneira com que Maria é construída no conto *Siesta* revela-nos uma conotação subalterna, oprimida pela avó, que a reconhece como neta, mas a explora, e renegada pelo pai, que nem lhe permite tal nomeação. A violência é uma das grandes marcas do conto: Maria é forjada nos moldes da opressão e da exploração

---

<sup>1</sup> Tradução nossa: “O sol cai como estanho derretido, salpicando lampejos nos seixos azulados. As folhas das palmeiras e dos coqueiros nos pátios estão quietas como se fossem de metal e têm o mesmo brilhante resplendor. Dentro do quarto bem fechado, a penumbra vibra silenciosa ante o assédio diluvial da luz. O sol proscrito se infiltra aqui e ali por sutis frestas nas portas e nas janelas, transflorando magros esquemas amarelos. É sexta, uma sexta de janeiro, e Ciriaco não pode dormir.

Incomodam-lhe o calor e a luz oceânica, invisível, mas assediadora. Enerva-lhe, na parede defronte da cama, o móvel cone de sombra que traça e destracha o ir e vir da pequenina atarefada, limpando o corredor. Maria deveria estar descansando, mas Dona Ceferina saiu, não voltará até as três, e a velha não permite que em sua ausência a pequenina esteja ociosa. Maria passa e volta a passar diante da porta, e o leve roçar do pano sobre as lajotas seria adormecedor, sem os estalos do balde em que molha o trapo de tanto em tanto. Esse estalo breve, leve como de um galhinho quebrado, é o que o impede de conciliar o sonho e o irrita [...].”

<sup>2</sup> Tradução nossa: “[...] a velha não permite que em sua ausência a pequenina esteja ociosa [...].”

<sup>3</sup> Tradução nossa: “Se ele a chama poucas vezes por seu nome, tampouco ela o chama papai. Ele não permitiu que ela tomasse esse costume.”

A forma com que Maria é concebida nos permite caracterizá-la, de acordo com o que Forster (2004) propõe, como uma personagem plana, aquela que é construída em torno de uma única ideia ou qualidade. Daí deriva a sua falta de profundidade em termos de caracterização psicológica, pois quase nada de tal fator nos é revelado no decorrer do texto, além do fato de não evoluir ao longo da ação, ação esta que é curta, pois o tempo da diegese é o tempo de uma tarde. E é justamente porque não evolui que a personagem plana tende a ser, simultaneamente, uma personagem estática.

A vida interior de Maria não é mostrada, mesmo ela sendo a personagem principal da trama. Tudo o que sabemos a seu respeito encontra-se entranhado em meio ao contexto que envolve sua criação pela autora.

Apesar de ser a motivadora de toda a ação contística, ao mesmo tempo Maria não possui características claramente marcadas. É mais uma faceta do obscurecimento para com o feminino presente no patriarcalismo. A menina é criada pela “família” para a servidão, com uma avó que não a deixava ociosa, sempre na lida, e com um pai que não a vê até aquela tarde de insônia.

Ciriaco, ao sair do quarto, pois o incomoda o barulho da água com que Maria limpa a casa, e ver

*María que está de rodillas en el suelo, se yergue asustada. Su manecita morena suelta el trapo y deshace rápido el nudo que mantiene recogida en la cintura la pollerita desteñida. Le mira con sus ojos negros y oblicuos, un poco a flor de pómulos.*<sup>4</sup> (PLÁ, 1996, p.187)

Essa imagem de Maria não sai da cabeça de Ciriaco. Ela se torna, inesperadamente, uma Maria sedutora, parecida com sua mãe, Deolinda, que abandonou Ciriaco. Ele é seduzido por ela. “[...] o seduzido não está simplesmente entregue à fantasia neurótica. Há nele, antes de tudo, o desejo de entrar em outra linguagem, de sair daquele círculo em que está aprisionado [...]” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.17), prisão esta que no decorrer da narrativa percebemos ser a própria mente de Ciriaco, auxiliada pela

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “Maria, que está de joelhos no chão, se ergue assustada. Sua mãozinha morena solta o trapo e desfaz rapidamente o nó que mantém recolhida na cintura a saia desbotada. Ela o olha com seus olhos negros e oblíquos, um pouco a flor do rosto.”

ambientação na qual está inserido, dentro de seu quarto, o que lhe permite permanecer com suas lembranças e com seus sonhos.

A imagem de Maria fixa-se em Ciriaco. “*Se tiende en la cama, cierra los ojos. La figura de la chiquilina con su pollerita desteñida, subida de los muslos mostrando la bombacha remendada...se le ha quedado en la retina, como hilacha en seto de amapola.*”<sup>5</sup> (PLÁ, 1996, p.188). Ele projeta no corpo da menina, um corpo desenvolvido para sua idade, o corpo de sua mãe, a esposa que o deixara.

Devido a uma puberdade precoce, Maria tem seu corpo já bastante desenvolvido para uma menina de 11 anos. É seu corpo, iluminado pela emanção da luz e a fuga de Ciriaco de seu quarto fechado e escuro, que faz com que ele se sinta seduzido por uma imagem que até então não conhecia. Toda a construção da ambientação é pensada assim como apontado por Poe (1997) quando diz que nada dentro do texto se faz por acaso. Toda a cena é criada para que Maria torne-se sedutora aos olhos de Ciriaco.

Seduzindo-o, mesmo que inconscientemente, Maria desperta em Ciriaco os instintos mais escondidos do ser humano. Segundo Ronaldo Lins, “[...] quem não entra dentro de si mesmo não se situa em lugar nenhum, do ponto de vista de sua humanidade, já que o mundo exterior não lhe dá perspectivas para realizar-se.” (1990, p.48). Esta é a atitude tomada por Ciriaco na narrativa: dentro de seu quarto ele está fechado dentro de si mesmo; a única coisa que o incomoda é a visão que tem da sombra de Maria ao passar em frente às frestas de luz que adentram seu mundo.

A luz é a principal alavanca que impulsiona Ciriaco a transgredir sua razão e passar a um novo rompante de violência contra Maria. A presença de centelhas de claridade em seu quarto escuro revela a ele um mundo novo que ele nem sabia que existia. Nesse mundo encontra-se Maria como ele nunca percebera antes. Não somente a luz, que o faz ver para além de seu quarto escuro, mas também os estalos da água em contato com o balde despertam um Ciriaco agressivo e animalizado. Em *Siesta*, luz e som desencadeiam os

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: “Se deita na cama, fecha os olhos. A figura da pequenina com sua saia desbotada, subida sobre as coxas, mostrando a calcinha remendada ... havia ficado presa em sua retina como um fiapo de cerca de amapola.”

instintos mais animais de Ciriaco. Temos aí outro elemento ressaltado por Poe (1997) na constituição da narrativa: o efeito. Josefina Plá leva esse efeito para além do leitor e de sua imaginação: Ciriaco será vítima do efeito produzido na narração textual.

Em meio aos pensamentos imagéticos que Ciriaco não consegue administrar e retirar de sua mente, surge o desejo incestuoso. No entanto, para ele não há as interdições sociais para que haja incesto, pois não reconhece Maria como filha, nem ao menos olhava para a menina antes do momento de iluminação que o fez assumir uma súbita animalização. Além disso, Ciriaco vê em Maria uma projeção de Deolinda. De acordo com Ruth Silviano Brandão e Lúcia Castello Branco (1989), o erotismo, como objeto de prazer, sempre nos levará ao que desconhecemos. Ciriaco não conhecia em si a agressividade de seu desejo.

De acordo com Bataille, “O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente na medida em que ele coloca a vida interior em questão” (2004, p.46). Em *Siesta* a vida colocada em questão é a de Maria, que no interior da mente de seu pai é parte de sua mãe. Por conta da rejeição de que fora vítima, ele toma a jovem à força, com o intuito de se vingar de sua mãe. Há por parte de Ciriaco uma projeção imaginária criada pelo devaneio de sua mente. Os “[...] devaneios que invadem o homem que medita, os pormenores apagam-se, o pitoresco desbota-se, a hora já não soa e o estaco estende-se sem limites.” (BACHELARD, 2008, p.194). É então que se perde a razão ou ela é usada para atos atrozes.

*Ciriaco sonríe. Una sonrisa torcida, que le hace horrible de ver. Toma a la pequeña del brazo violentamente. Mate y pava caen al suelo. La boca de la chica se crispa de terror. Cree que va a golpearla.*

- Papá...

- *Yo no soy su papá...me oye, grandísima idiota!...La puta de su madre se lo cree, no más... Pero yo no soy tu padre...y me van a pagar.*<sup>6</sup> (PLÁ, 1996, p.193)

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: “Ciriaco sorri. Um sorriso torto que o torna horrível de se ver. Pega a pequena pelo braço violentamente. Mate e chaleira caem no chão. A boca da menina solta espasmos de terror. Crê que vai bater nela.

- Pai ...

- Eu não sou seu pai... Me ouça, grandíssima idiota ... A puta da sua mãe acredita que sim, não mais ... Mas eu não sou seu pai ... e vão me pagar.”

Faz-se então a tentativa de estupro motivado por vingança. O objeto da vingança é Deolinda, no entanto é Maria quem se desventura com isso, pois é ela que desde a primeira cena do conto se encontra como uma projeção na mente de Ciriaco. Ela se torna o alvo do ato de violência. Segundo Lins (1990), a sexualidade está ligada à violência, sendo necessária a criação de regras e de tabus para o seu controle desde os povos primitivos, a fim de reprimir os atos violentos.

O ato sexual incestuoso não ocorre dentro da narrativa de Plá, pois Ciriaco é livre das interdições sociais em relação a Maria, pois, como já mencionamos, ele não a reconhece como filha, não havendo por parte dele um sentimento de paternidade em relação à menina. O incesto é definido por Bataille como uma proibição universal.

Sob uma forma qualquer, toda a humanidade a conhece, mas suas modalidades variam. [...] Os mais civilizados dos povos se limitarão às relações entre pais e filhos, entre irmão e irmã. Mas, em geral, entre os povos arcaicos, encontramos os diversos indivíduos divididos em categorias bem distintas, que definem as relações sexuais proibidas ou prescritas. (BATAILLE, 2004, p. 310).

Entende-se, assim, que o horror ao incesto é algo natural ao homem. Caso haja mudanças é na maneira com que esta proibição é vista por determinado grupo social em determinado tempo da história. Ainda em Bataille (2004), encontram-se os questionamentos sobre o nascimento da proibição do incesto. Diz Bataille (2004) que o incesto surge como uma proteção da espécie em que se buscaria evitar a degenerescência dos descendentes consanguíneos. Há ainda uma repulsa instintiva, sendo que a repugnância pelo incesto nasceria naturalmente apesar de ser obsessão universal, ou seja, o homem sente o desejo em realizar o incesto, sendo preciso a sua interdição para a vida em sociedade, o que nos remete à teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

Em *Siesta*, o ato incestuoso também não ocorre, porque em uma das partes, em Maria, há as interdições morais – ela considera Ciriaco seu pai. Tomando uma atitude marcada pelo instinto protetor de si mesma, a pequena volta-se para um estado selvagem do homem: “[...] *la chiquilina gime afónica de terror, una reacción puramente instintiva, primaria, la lleva de pronto a prender*

*ciegamente sus dientes en la mano que la amordaza. Y muerde con una desesperación de animalito en cepo*".<sup>7</sup> (PLÁ, 1996, p. 194).

Para Ronaldo Lins,

[...] a violência define o meu semelhante como um monstro e lhe dá, em situações limites, a possibilidade de subir os degraus da natureza humana e dignificá-la através de ações extraordinária. É, assim, inimiga e aliada, combatida e cultivada, um motivo de vergonha e um motivo de orgulho. (1990, p. 22)

A pequena Maria escapa de seu pai por um ato puramente instintivo, mas cega pelo mesmo ato acaba por ser atropelada e morta em frente à sua casa, em sua última desventura desesperada. A violência a salvou, matando-a, marcando a tragicidade presente na vida de Maria, no ato final que a salva do estupro, porém a leva à morte.

## Considerações Finais

A literatura realizada nos tempos modernos pode ser um elogio ou uma crítica contundente a essa época de perplexidades. Cunhada, a partir do século XIX, para não mais ser apenas uma contemplação do mundo exterior a ela, vemos que durante o século XX, principalmente, a literatura passa a ter uma representatividade crítica dentro da sociedade em geral e é a modernidade do pensamento humano que possibilita que a literatura siga por tal caminho. Os temas e assuntos relativos ao meio social internalizado na obra passam a ser tratados com menos eufemismo, a realidade externa passa a ser projetada com maior impacto internamente, o horror humano, a morte, a violência, que é parte da natureza humana, passam a ser mais recorrentes.

Como podemos ver no conto de Josefina Plá, a violência e a morte tomam-se as facetas da narrativa, toda a construção do conto é voltado para que a tragicidade esteja presente, desde a ambientação, formada por espaços sombrios onde há pouca luz solar entrando, até mesmo a estruturação descritiva das personagens, assim como das analepses ocorridas para ilustrar

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: "A menina soltava gemidos de terror, uma reação puramente instintiva, primária; de repente prendeu cegamente seus dentes na mão que a amordaçava. E mordeu com o desespero de um animalzinho sem ação."

o estado em que personagens se encontram psicologicamente, tudo na narrativa expõe a violência. No caso da personagem principal, Maria, a morte é a única salvação para a mesma se livrar da violência, no entanto sua própria morte se dá de maneira violenta. Podemos concluir que se poder e violência são algo totalmente distante um do outro, conforme afirma Hannah Arendt (2011), modernidade e violência, na literatura, andam lado a lado, pois, a vida humana, externa a obra literária, é como afirma Ronaldo Lima Lins (1990), uma velha amiga da violência, o que a modernidade faz é nos revelar tal afirmação por meio da vida humana internalizada na obra de arte literária.

## Referências Bibliográficas

ARENDR, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011;

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004;

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, Ruth Silviano; CASTELLO BRANCO, Lúcia (Orgs.). **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000;

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Trad. Sergio Alcides. 4. ed. revisada. São Paulo: Globo, 2004.

LINS, Ronaldo Lima. **Violência e Literatura** – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990;

MENEGAZZO, Maria Adélia. **A poética do recorte**: estudo de literatura brasileira contemporânea. Campo Grande: Ed.UFMS, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da Escrivantina**: ensaios – São Paulo: Companhia das Letras, 1998;

PLÁ, Josefina, **Cuentos Completos** (org. FERNÁNDEZ, Miguel Ángel), Assunção: Editorial El Lector, 1996.

POE, Edgar Allan. **Ficção completa, poesia e ensaios**. Org. e trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.